

EDUCAÇÃO FOTOGRÁFICA

ADRISE FERREIRA DE SOUZA¹; CLÁUDIO TAROUÇO DE AZEVEDO²;
CLÁUDIO TAROUÇO DE AZEVEDO³

¹ Universidade Federal de Pelotas – bolsista Capes - adriseferreira@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – claudiohifi@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Pelotas – claudiohifi@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A fotografia ganha hoje um espaço que fora inimaginável em outrora. De seu surgimento polemico no campo artístico, talvez não pudesse ser projetada a sua dimensão e seu reflexo na sociedade, o que hoje é bem visível, compartilhado e curtido. Temos necessidades fotográficas, que extrapolam em quantidade, qualquer produção imagética.

Esta necessidade fotográfica de produzir e estar em contato com imagens é observado tanto na vida cotidiana, quanto nos fazeres artísticos. Seja ela analógica, digital, híbrida; quer seja com câmeras compactas, avançadas, profissionais, ou a tempo e a hora com o celular; seu lugar na contemporaneidade é indubitavelmente pronunciado, ou melhor, revelado.

Uma necessidade fotográfica pode ser avaliada como uma necessidade de expressão. E esta segunda, como bem se sabe é inata ao ser humano, pois, indo ao encontro da história da arte, temos como primeiras manifestações deste desejo de expressão os registros do homem pré-histórico nas paredes das cavernas. Tais registros representam os rituais, as necessidades, e a vida cotidiana. Nada de muito diferente do anseio que ainda temos em nos manifestar imagetivamente, com ressalva aos meios de produções, materiais e suportes, que foram evoluindo com o passar dos tempos.

Atualmente registramos nossas atividades cotidianas e os nossos eventos por meio de aparelhos eletrônicos – dotados de uma objetiva–, que muitas vezes são aparelhos híbridos, com várias funções, inclusive, a de realizar ligações telefônicas, ter acesso à internet, produzir e reproduzir imagens, e etc.

Por mais que os meios tenham mudando e as tecnologias também, nos é intrínseco produzir imagens¹. E a fotografia vem ganhando espaços cada vez maiores no que tange a produção e reprodução de imagens fotográficas. Este bombardeio de imagens nos invade por todos os lugares, por isso, venho refletindo sobre a relevância de se ter uma prática fotográfica mais consciente, reflexiva, crítica, e que desenvolva um olhar sensível para esta atividade que se encontra saturada e desenfreada. Observo que há muito mais reproduções de imagens fotográficas do que produções. As imagens que chegam até nós, em sua maioria são iguais, banais. Muitas delas não nos provocam a parar e refletir, a desacelerar o olhar. Não nos instigam. A estas, estamos anestesiados. O efeito desta anestesia provoca “[...] a crise dos nossos sentidos. Seu efeito em nos deixa marcas profundas no modo de compreender o mundo e nele agir. [...] ficamos com o fazer criativo rebaixado, agindo como meros executores de tarefas [...]” (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 37).

¹ Sejam de quaisquer naturezas – plásticas, gráficas, audiovisuais, híbridas, e etc.

Por ser fotógrafa e arte educadora², formada com base na educação dos sentidos, observo a importância em criar imagens produtoras de sensações, imagens que emanem sentidos e que despertem mais interesse visual.

2. METODOLOGIA

Para que se efetive uma produção fotográfica mais consciente, responsável e sensível, foram e estão sendo desenvolvidos planejamentos voltados para a teoria e prática fotográfica juntamente com textos reflexivos que se objetivam em provocar os discentes a pensarem sobre a responsabilidade que há por trás de cada imagem produzida.

Em Rubem Alves e Eduardo Galeano encontrei alguns textos que possibilitam uma reflexão sobre a produção de imagens, abordando algumas questões pertinentes ao momento ao qual estamos inseridos. Tais como: a produção desenfreada de imagens iguais e banais, encontrada no texto *Caras* (ALVES, 2014, p. 38-39); a importância da escolha, no texto *O múltiplo e o simples* (ALVES, 2014, p. 48); e a sensibilidade presente no olhar fotográfico, no texto *A linguagem da Arte* (GALEANO, 2014, p.25); e *A função da Arte* (GALEANO, 2014, p.15).

A parte teórica versou sobre a história da arte³; a história da fotografia; a importância da luz na fotografia; a importância do enquadramento na fotografia e; a história do retrato, autorretrato e *selfie*.

A prática se efetivou com atividades que interligavam a teoria com alguns dos textos mencionados. Houve a produção de uma carta ao escritor Rubem Alves, cujo objetivo foi responder a pergunta que ele lançou ao final do texto *Caras*: “Quantos sorrisos falsos”? Nesta atividade os alunos desenvolveram uma escrita crítica diante da interrogação. Isto os levou a refletirem sobre as suas próprias produções fotográficas. Como é observado nas escritas de alunos do 7º ano:

Aluno A: “[...] o que mais temos hoje em dia são fotografias de nós mesmos, chamadas de *selfie*, e se olharmos bem, as pessoas tem fotos parecidas.”

Aluno B: “[...] eu não era nascida em 1933 mas eu acho que desse tempo pra cá não mudou muita coisa [...] geralmente quando alguma pessoa tira uma foto elas fazem as mesmas poses [...]”

Aluno C: “Acho que de 1933 até 2015, as imagens continuam as mesmas [...]”.

Os alunos fizeram o exercício de fotografar sem aparelhos produtores de imagens fotográficas. O exercício de enquadrar foi realizado para que eles percebessem a importância do ato de escolha no enquadramento, pois no momento que se decide enquadrar algo e/ou alguém, devemos ter consciência que outro algo e/ou alguém ficou fora da imagem. O enquadramento é uma atividade de escolhas e renúncias.

Foram utilizados três tamanhos de molduras para que os discentes pudessem perceber o recorte visual gerado pelos três principais tipos de enquadramento que são: plano geral, plano médio e detalhe (ou fechado). Como observa-se na imagem abaixo:

² Atuante na Escola Sant’ana, localizada no município de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

³ Foi apresentada aos discentes de forma que lucidasse o anseio do homem em representar seu mundo e a si próprio.



Figura 1

A importância do ponto de vista também foi exercitada. Durante a teoria os alunos foram convidados a verificar na prática a seguinte pergunta: “Se há um objeto e várias pessoas fotografando este objeto, é possível ter fotografias iguais?” A resposta visual foi observada por todos os alunos, como apresenta a imagem abaixo. Um objeto visto de vários ângulos e com diferentes enquadramentos. Conforme salienta Bauret (2011, p. 47):

[...] dois fotógrafos não vêem a mesma coisa, nem reagem da mesma maneira, porque no acto fotográfico intervêm igualmente a experiência, a sensibilidade e a cultura – não necessariamente fotográficas – próprias de cada um deles.

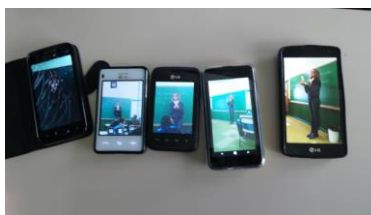


Figura 2

Para o desenvolvimento de uma prática mais sensível, foi apresentado o texto de Galeano chamado *A linguagem da Arte*⁴. Após a leitura e reflexão, foi proposta a atividade em que os alunos deveriam fotografar um sentimento. Cada aluno sorteou um papel que tinha escrito algum sentimento. Os discentes deveriam definir este sentimento em algumas palavras e fazer o registro fotográfico do mesmo. Abaixo podemos observar uma das imagens realizada nesta atividade.



Figura 3

⁴ Neste texto é relatada a história em que Chineloze presenciou um assassinato e produziu uma fotografia da morte. Não a morte do homem que havia sido baleado, mas sim, a morte presente nos olhos de outro homem que também assistiu a tragédia.

Esta imagem representa o amor. Pude observar nesta atividade, que mesmo trabalhando com temas subjetivos, a obviedade estava presente na maioria das imagens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por mais que as teorias, as reflexões, e as propostas de trabalhos estejam sendo desenvolvidas para descentralizar o olhar do aluno diante do óbvio, e proporcionar um estudo em artes mais sensível, pude perceber que ainda há sintomas de obviedade, porém, na própria escrita dos alunos em alguns trabalhos podemos notar que está havendo conscientização diante das imagens feitas por eles e por outros no que tange a reprodução de imagens iguais.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho está proporcionando uma nova forma de ver a fotografia. Os alunos estão percebendo que fotografar vai mais além do simples ato de apertar um botão. Além de estar proporcionando espaços para que eles se descubram críticos, criadores e criativos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Ostra feliz não faz perola**. São Paulo: Planeta, 2014.

BAURET, G. **A fotografia: história, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa: Edições 70, 2011.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

MARTINS, M.C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2012.